



ALEX



ALFREDO DINIS

(1917-1945)

Um valoroso antifascista. Um construtor do Partido.
Nos 65 anos do seu assassinato pela PIDE





ÍNDICE

- 05 ■ Biografia de Alfredo Dinis - "Alex"
- 07 ■ "Alex" - Os Passos do seu Assassinato
- 09 ■ Ciclo de Debates
- 10 ■ Contexto Histórico
- 11 ■ A Organização do Partido
- 12 ■ As Lutas Operárias
- 14 ■ Forças Repressivas e Resistência
- 15 ■ Imprensa
- 18 ■ Anexos



Gravuras de Rogério Ribeiro



FICHA TÉCNICA

Edição: Partido Comunista Português | Direcção Concelhia de Loures

Impressão: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal:

Data: Março de 2010

Dados biográficos de ALFREDO DINIZ (ALEX)

26
9

Nome: ALFREDO DA ASSUNÇÃO DINIZ
Pseudónimo: de Organização: Alex
Pai: José L. Bato Diniz
Mãe: Carolina da Assunção Diniz
Nasceu em Lisboa a 29 de Março de 1917
Na infância: vendia flores de papel pelas ruas com seu pai.
Na adolescência: Operário metalúrgico
: Curso nocturno numa escola industrial.



- 1936: Membro das Juventudes Comunistas.
: Membro do S.V.I. num Comité de Zona de Lisboa e no Comité Local.
- 1938: Agosto, preso pela polícia fascista; tem uma conduta firme. Condenado a 18 meses de prisão, que cumpre.
- 1940: Quando da Reorganização do Partido toma posição firme contra a provocação.
- 1941-42: Membro responsável da importante célula de empresa metalúrgica Parry & Son (Estaleiros Navais) e do Comité Local de Almada.
- 1942, Novembro: à frente da Organização Local foi um dos impulsionadores da greve da região de Lisboa.
- 1943: É chamado ao Comité Regional de Lisboa, aolado de Ferreira Marquez que em Maio de 1944 foi assassinado pela P.V.D.E. por se negar a fazer declarações.
Julho-Agosto: Um dos dirigentes da greve da região de Lisboa em que participam cerca de 50.000 trabalhadores. É forçado a passar à ilegalidade.
- 1943: fins- No 1º Congresso Ilegal do Partido é eleito para o Comité Central.
: A sua actividade está presente em todos os progressos das Organizações regionais de Lisboa, Margem-sul do Tejo e Ribatejo.
- 1944; Maio: Está no Comité dirigente da greve de 8 e 9 de Maio em que participam dezenas de milhares de operários e camponeses.
- 1945: Eleito para o Bureau Político do Comité Central.
4 de Julho: Assassinado a tiro pelos agentes da Gestapo portuguesa (P.V.D.E.). O camarada Alex seguia de bicicleta; atiram-lhe uma camioneta da Polícia para cima. Ferido levaram-no para dentro da camioneta e atiraram-lhe dois tiros, um dos quais lhe vasou um olho. Depois atiram o cadáver para a valeta da estrada e fôram-se embora.

Dos antigos companheiros de luta do camarada Alex, além do camarada Ferreira Marquez, assassinado em 1944, foi também assassinado com torturas na polícia em 1938 o camarada Augusto Martins, que morreu heróicamente, negando-se a fazer declarações.

BIOGRAFIA de Alfredo Dinis - "Alex"

Alfredo da Assunção Dinis nasceu em Lisboa, no dia 29 de Março de 1917, na freguesia do Marquês de Pombal, em Lisboa. Filho de José Lobato Dinis e de Carolina da Assunção Dinis viveria no beco de João Alves, na Ajuda, até ser preso, em 1938.

Começa a trabalhar como operário metalúrgico na Parry&Son, ao mesmo tempo que estuda à noite numa escola industrial, tirando o curso de desenhador.

Em 1936 adere às Juventudes Comunistas e ao Socorro Vermelho Internacional, tendo uma activa militância num Comité de Zona de Lisboa e no Comité Local. Do seu pseudónimo de organização, Alexandre, ficará apenas conhecido pelo diminutivo "Alex".

No dia 25 de Agosto de 1938, é preso às 7h30 da manhã no Cais do Sodré e o motivo de captura não deixa dúvidas: "Por ordem superior dos Serviços Secretos".

Julgado a 8 de Março de 1939, no Tribunal Militar Especial, ao todo cumpre 18 meses de cadeia, acrescido de um período de 5 anos de suspensão dos direitos políticos. A 21 de Março do mesmo ano dá entrada no Depósito de Presos de Peniche, onde cumpre a restante pena.

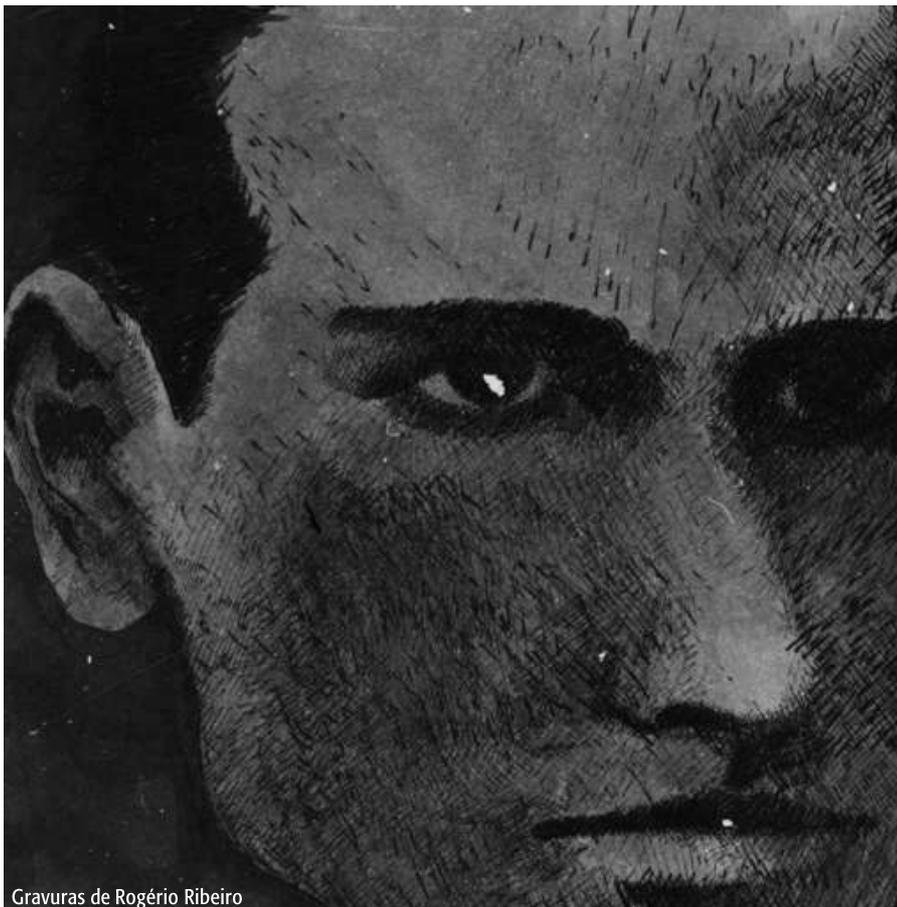
Entre 1941 e 42 é responsável pela Célula da Parry&Son e pelo Comité Local de Almada. No final de 1942, sendo responsável pela organização local, é um dos impulsionadores das greves ocorridas em toda a região de Lisboa.

Em 1943 é chamado a fazer parte do Comité Regional de Lisboa e em Julho e Agosto desse ano é, uma vez mais, o grande organizador e impulsionador das greves que se verificam na região de Lisboa e na Margem Sul, em que participam cerca de 50 mil trabalhadores. Pouco depois entra na clandestinidade, escapando à onda repressiva que se abate sobre a região.

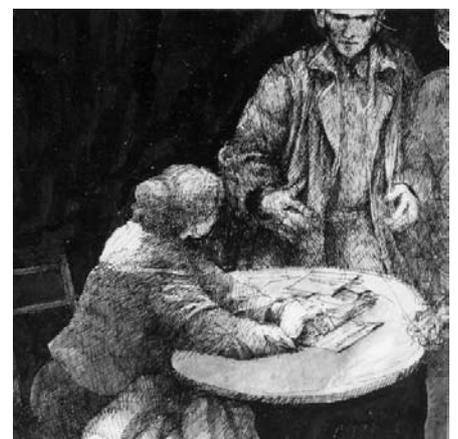
Ainda em Novembro de 1943 é eleito para o Comité Central do Partido Comunista Português, no seu III Congresso (I Ilegal).

A sua actividade leva-o a estar presente nas organizações regionais de Lisboa, Margem Sul do Tejo e Ribatejo e, em 1944, está novamente na condução das greves de 8 e 9 de Maio, pertencendo ao Comité Organizador das Greves. Naquela que fica conhecida como a "Greve do Pão", participam vários milhares de operários e camponeses.

Em 1945 é eleito para o Bureau Político do Comité Central e pouco depois, a 4 de Julho, é assassinado a tiro por agentes da PVDE, na estrada que liga Bucelas, no concelho de Loures, a Sobral de Monte Agraço, mais precisamente na localidade da Bemposta, Estrada Nacional 115, ao quilómetro 71,2.



Gravuras de Rogério Ribeiro



“ALEX” - OS PASSOS DO SEU ASSASSINATO

No dia 2 de Julho de 1945 a PVDE prende Joaquim Campino, o “Filipe”, e nos documentos cifrados que lhe apreendem, decifram o encontro marcado para dois dias depois, às nove da manhã entre “João” e “Alex”, na estrada que liga Bucelas a Sobral de Monte Agraço.

No dia seguinte é pedida uma brigada para se deslocar ao sítio em questão, a fim de prender os dois militantes comunistas. No dia do encontro, 4 de Julho, a brigada da PVDE, chefiada por José Gonçalves, prepara uma emboscada na estrada da Bemposta, perto de Bucelas.

Quando “Alex” aparece de bicicleta, é interceptado por uma brigada de vários agentes. A carrinha da PVDE é conduzida de encontro a “Alex”, que cai com o impacto. Ao mesmo tempo que tenta levantar-se, vê-se cercado e é alvejado pelos agentes da PVDE.

Depois de o arrastarem para o interior da carrinha e de a porem em andamento, voltam a alvejá-lo, à queima-roupa, com um tiro na cabeça. Uns metros mais à frente, os agentes da PVDE atiram o cadáver para a beira da estrada, seguindo em frente.

Mais tarde, estes acontecimentos são contados por camponeses que trabalhavam nas hortas da Bemposta e que tinham assistido a tudo, tendo posteriormente visto o cadáver na beira da estrada.

Nesse mesmo dia, os agentes da PVDE escrevem um relatório no qual relatam uma versão dos acontecimentos completamente diferente. Nesse relatório descrevem uma luta entre dois dos agentes e um “Alex” jovem e atlético, que teria tentado alvejar os homens da PVDE, não acatando a ordem de parar. Um deles, em legítima defesa, terá então disparado contra “Alex”, levando-o de seguida para o Hospital de São José, onde teria chegado já morto.

A PVDE abre um inquérito fictício para apurar as responsabilidades do agente em causa, concluindo no arquivamento do processo, dando uma versão ainda mais fantasiosa do assassinato.

O funeral do “Alex” foi realizado de uma maneira apressada e sem aviso, no cemitério do Alto de São João, de modo a que estivessem presentes o mínimo possível de operários e amigos.

Devido a uma forte pressão, por parte de familiares, o caixão do “Alex” seria aberto, mostrando a violência do assassinato: um dos disparos tinha-lhe perfurado um dos olhos. Quando a 14 de Setembro de 1950, na presença de três delegações de operários, se fez a trasladação dos seus restos mortais, o buraco no crânio era bem visível a todos.

Assassinado violentamente aos 28 anos, em plena noite fascista, Alfredo Dinis será para sempre recordado como um militante combativo, um valoroso antifascista e um incansável construtor do Partido.



Bicicleta utilizada pelo Alex no dia do seu assassinato

17
ALFREDO DE ASSUNÇÃO DINIS

Ex-desenhador



Desde 1936 que era "membro" do "PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS" tendo sido preso em 25 de Agosto de 1938, ao serem descobertas as suas actividades clandestinas e subversivas.

Julgado no ao tempo Tribunal Militar Especial de Lisboa, em 8 de Março de 1939, foi condenado em 15 meses de prisão correcional e na perda dos direitos políticos por 5 anos.

Em 26 de Novembro de 1939, foi restituído à liberdade por ter cumprido a pena a que fora condenado.

Em 1942 passa a viver na clandestinidade como "funcionário" do citado "PARTIDO COMUNISTA" é um dos principais orientadores e dirigentes das greves eclodidas nos anos de 1942/43.

Neste ano de 1943, tomou parte no "1º CONGRESSO ILEGAL" que o citado "PARTIDO" levou a efeito clandestinamente em local não determinado, foi eleito "membro" do seu "COMITÉ CENTRAL", com o pseudónimo de "ALEXANDRE", passando contudo a fazer uso só do seu diminutivo "ALEX".

Toma parte activa na preparação e eclosão das greves de 1944, levadas a efeito sob a sua direcção na área do Baixo Ribatejo situada na margem esquerda do rio Tejo.

Em 4 de Julho de 1945, ao ir realizar um "encontro conspirativo" marcado para certo local da estrada Bucelas-Sobral de Monte Agraço, foi surpreendido por um agente da Polícia acompanhado de um motorista da mesma Corporação que o mandaram parar ao que desobedeceu e quando o motorista se interpôs à sua frente, derrubou-o, e caiu da bicicleta, sem se maguar enquanto o motorista ficava inanimado.

Levantou-se acto contínuo e empunhando um revolver "SMITH", enfrentou o agente que rapidamente acorrera, travando-se então séria luta corpo a corpo entre ambos, sendo o agente obrigado a disparar a sua arma que entretanto conseguira empunhar, para não ser vítima da arma de "ALEX" que, por ser mais novo e mais atlético, estava já em melhores condições de disparar contra o agente, o que tentou fazer, sem contudo, ter tido tempo de levar por diante o seu propósito, por ter sido atingido com um tiro.

Do ferimento recebido resultou então a sua morte.

Ao agente em questão, foi instaurado o respectivo processo pela Polícia de Investigação Criminal, existente ao tempo, que remeteu esse processo à Repartição de Justiça do Governo Militar de Lisboa e por seu despacho foi arquivado, por ter sido reconhecido que procedeu em legítima defesa em acto de serviço.

CICLO DE DEBATES

1.º DEBATE - **CONTEXTO HISTÓRICO** ■ 27 MARÇO ■ 16H00

Loures

Palácio dos Marqueses da Praia e de Monforte

Convidado: **Domingos Abrantes** do Comité Central do PCP



2.º DEBATE - **A ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO** ■ 24 ABRIL ■ 16H00

São Julião do Tojal, Zambujal

Bombeiros Voluntários do Zambujal

Convidado: **Albano Nunes** do Secretariado do Comité Central do PCP



3.º DEBATE - **LUTAS OPERÁRIAS** ■ 8 MAIO ■ 16H00

Santa Iria de Azóia

Casa da Cultura

Convidado: **José Ernesto Cartaxo** ex-membro do Comité Central do PCP, ex-membro do Conselho Nacional da CGTP



4.º DEBATE - **FORÇAS REPRESSIVAS E RESISTÊNCIA** ■ 29 MAIO ■ 16H00

Sacavém

Sport Grupo Sacavenense - Sede

Convidados: **Conceição Matos** ex-presa política e **José Casanova** do Comité Central do PCP e director do Avante!



5.º DEBATE - **IMPRENSA** ■ 19 JUNHO ■ 16H00

Santo Antão do Tojal, A-das-Lebres

Grupo União Lebrense

Convidado: **Gustavo Carneiro** do Comité Central do PCP e jornalista



COMÍCIO E ROMAGEM ■ 4 JULHO ■ 15H30

Bucelas, Bemposta

Grupo Musical e Recreativo da Bemposta

Com **Jerónimo de Sousa** Secretário-geral do PCP

Romagem ao Memorial, na Estrada da Bemposta



CONTEXTO HISTÓRICO

A situação existente em Portugal e no mundo durante o período da vida de Alfredo Dinis ficou marcada pela luta abnegada dos povos e dos trabalhadores, no sentido de melhorarem as suas condições de vida. Como acontecimento maior da história da Humanidade surge a vitória da Revolução Socialista de Outubro (Novembro no Ocidente) de 1917 na Rússia que inspirou milhões de seres humanos no mundo inteiro a continuarem essa luta. Em Portugal, a Revolução de 1910 depusera uma monarquia anacrónica e desacreditada, mas não alterara as estruturas económicas e sociais.

Entretanto, os governos da I República (1910-1926) tornavam-se cada vez mais permeáveis às tentativas golpistas reaccionárias, respondendo com repressão

e perseguição às lutas pela melhoria das condições de vida do movimento operário e sindical português, que se consolidou e fortaleceu grandemente nesses anos de forte agitação social. O exemplo inspirador da Rússia, futura União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, haveria de animar ainda mais essas lutas em Portugal, onde, em 6 de Março de 1921, nasceu o Partido Comunista Português (PCP). Mas com o triunfo do golpe de 28 de Maio de 1926, cedo a ditadura militar se transformou em ditadura fascista, correspondendo aos interesses dos monopólios e dos latifúndios associados ao imperialismo estrangeiro, impondo o seu jugo de forma terrorista sobre a população portuguesa.

A liquidação do sindicalismo livre, a proibição dos partidos políticos, a perseguição dos seus dirigentes, as expulsões do ensino liceal e universitário e a criação de um monstruoso aparelho repressivo com prisões, deportações e assassinatos fizeram parte da ditadura fascista portuguesa (1926-1974).

Foi nesse contexto que Alfredo Dinis cresceu e moldou fortemente o seu carácter combativo e revolucionário ante esse período sombrio, ingressando em 1936 nas Juventudes Comunistas, numa altura em que já trabalhava como operário metalúrgico em Almada, na Parry&Son, e prosseguia os seus estudos nocturnos como desenhador numa escola industrial.

O fascismo português cedo se colocaria ao lado dos outros poderes fascistas, como no caso do apoio aos insurgentes fascistas de Franco contra a Espanha democrática na Guerra Civil (1936-1939) e no apoio ao nazi-fascismo na II Guerra Mundial (1939-1945).

Após a saída da prisão, entretanto ocorrida em Maio de 1939, Alfredo Dinis desempenha destacado papel como responsável da Célula do Partido na Parry&Son e do Comité Local de Almada, contribuindo abnegadamente para o enorme sucesso das greves havidas em toda a região de Lisboa em finais de 1942. No ano seguinte é chamado ao Comité Regional de Lisboa, onde, em Julho e Agosto, contribui decisivamente para a importância das greves em Lisboa e Margem Sul do Tejo com mais de 50 mil trabalhadores envolvidos.

Entrando na clandestinidade, escapa entretanto à violenta e brutal vaga repressiva do fascismo, e já nessa condição é eleito para o Comité Central do PCP, em Novembro de 1943, no III Congresso (I Ilegal) do Partido. Está presente nas organizações regionais de Lisboa, Margem Sul do Tejo e Ribatejo, de novo assumindo destacado papel na organização e condução das greves de 8 e 9 de Maio de 1944, sendo mesmo um dos membros do Comité Organizador das Greves do Partido. Nestas paralisações participam dezenas de milhares de operários e camponeses dessas regiões. No ano de 1945 é eleito para o Bureau Político do Comité Central do Partido, antes de ser assassinado pela PIDE, a 4 de Julho. O PCP constituir-se-ia, assim, na grande força da resistência antifascista em Portugal, numa luta diária pela restituição da liberdade e da democracia ao povo português.



Filas de racionamento para a sopa



Implantação da República, 1910



Lenine a discursar na Praça Vermelha



Golpe de 26 de Maio de 1926

A ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO

Fundado a 6 de Março de 1921, o Partido Comunista Português foi desde sempre um partido de luta operária e de consciencialização de massas, com fortes ligações ao movimento operário português.

Ilegalizado em 1926, foi o único partido português que resistiu ao fascismo, entrando na clandestinidade e assumindo as lutas populares e políticas contra a ditadura.

O intenso combate que os seus membros sempre travaram contra as forças fascistas, a defesa de todos os trabalhadores explorados, a direcção de importantes lutas reivindicativas e a sua crescente força nas organizações sindicais, fazem do PCP o alvo principal da repressão e da brutalidade fascista.

Bento Gonçalves será uma figura decisiva nessa resistência. Eleito Secretário-geral do Partido em 1929, orientou o PCP numa verdadeira linha marxista-leninista, permitindo-lhe não só resistir, mas alargar-se e crescer, nas violentas condições que o fascismo impunha. Preso pela segunda vez em Novembro de 1935, acabaria por ser deportado para o Campo de Concentração do Tarrafal, onde viria a morrer a 11 de Setembro de 1942, em consequência do regime prisional.

Apesar da brutal perseguição, que levava às prisões e muitas vezes à morte, o Partido desenvolve estruturas totalmente clandestinas, assentes num reduzido mas firme quadro de funcionários, completamente dedicados aos ideais e à luta revolucionária.

Toda a organização e estrutura clandestina do Partido foram fundamentais no combate à ditadura, apoiadas nas indispensáveis casas clandestinas.

Depois da reorganização no Partido, no início dos anos 40, o PCP impõe-se como um grande partido, com forte influência junto das massas trabalhadoras.

Alfredo Dinis será, também ele, uma peça fundamental na reorganização de 1940/41, responsável pelo Comité Local de Almada e pela Célula de Empresa da Parry&Son. À frente da organização local é fundamental na direcção das lutas operárias de 1942, em Lisboa, assim como nas grandes greves de 1943 e 1944.

Com o poderoso golpe sofrido pelas tropas nazis na batalha de Estalinegrado, entre Setembro de 1942 e Janeiro de 1943, a URSS ganha enorme prestígio aos olhos das populações europeias e dos trabalhadores em geral.

Em Portugal a situação não é diferente e o efeito psicológico que esta vitória provoca junto dos trabalhadores portugueses é poderosíssimo, incentivando-os a lutarem e resistirem, vendo no PCP o único partido da classe trabalhadora. O Partido cresce e fortalece-se junto dos trabalhadores, com influência notória nas zonas fabris de Lisboa, Ribatejo e Margem Sul.



“Reunião do Partido” - Gravura de Rogério Ribeiro



Notícia da fundação do PCP no jornal “A Batalha”



Reunião de Álvaro Cunhal e Soeiro Pereira Gomes, entre outros, no Rio Tejo



Prédio onde foi fundado o PCP

AS LUTAS OPERÁRIAS

Em 1942, nos campos e nas cidades, as condições de vida dos trabalhadores deterioraram-se a cada dia. A falta de géneros, que provocava a fome, o desenvolvimento do mercado negro, a crescente miséria e a repressão com que o estado fascista procurava apaziguar os trabalhadores, levou às greves de finais de 1942, nas quais as células do PCP tiveram uma acção preponderante.

A esta onda de greves, que varreu Lisboa e a Margem Sul, o fascismo responde com uma reforçada violência, sendo inúmeras as prisões efectuadas. Ao mesmo tempo que tenta abafar este movimento, percebe a crescente força do Partido entre os trabalhadores. Como responsável pelo Comité Local de Almada, Alfredo Dinis terá um papel preponderante na preparação e no desenrolar das greves na Margem Sul.

Em 1943 as condições sociais e económicas dos trabalhadores agravam-se a cada dia e a fome torna-se cada vez mais presente nas casas dos trabalhadores. Mesmo Portugal não entrando formalmente na guerra, Salazar mandava para a Alemanha nazi muitas toneladas de géneros que faltavam aos portugueses e as filas de racionamento cresciam todos os dias, fazendo a contestação subir de tom. O descontentamento generalizado, não só entre os operários, mas também entre camponeses, cria condições para novas lutas, tendo o Partido um papel essencial nas reivindicações dos trabalhadores, que levam a novas greves.



Gravura de Rogério Ribeiro

A actividade de Alfredo Dinis ganha particular importância entre o movimento operário da região de Lisboa e da Margem Sul. Em Julho, numa reunião do Secretariado, "Alex" considera haver "razões objectivas" para o avanço da greve e é criado um Comité de Greve, que coordena todas as movimentações nas empresas. A 25 de Julho, numa reunião com o Secretariado do Partido emite um documento, que apela à participação de todos os trabalhadores.

O Comité, constituído por Álvaro Cunhal, Alfredo Dinis, Ferreira Marquês e Joaquim Campino, assegura o êxito desta greve, em que participam cerca de 50 mil trabalhadores. Lisboa, Barreiro, Almada, Seixal e zonas envolventes, participam activamente, apesar da brutal repressão que se abate sobre os trabalhadores, com despedimentos em massa e a prisão de milhares de homens e mulheres.

A GNR carrega sobre tudo e todos, não poupando mulheres e crianças, mas estes serão dias em que pela primeira vez se unem trabalhadores comunistas, anarquistas e republicanos, reivindicando melhores condições económicas e sociais. O Estado fascista abana perante esta realidade tão diferente da que tinha estado na origem do 18 de Janeiro de 1934, percebendo a crescente importância do PCP nas massas trabalhadoras e nas suas reivindicações.

Do III Congresso do Partido (I llegal), realizado em Novembro de 1943, sairá um Comité Central, eleito pela primeira vez, e dele fará parte Alfredo Dinis, que ficará como principal responsável pela área de Lisboa.

Em 1944 era claro que a Alemanha perderia a guerra e a contestação política e social aumenta a cada dia. O Partido ganha cada vez mais força junto dos trabalhadores, tendo uma enorme influência entre operários industriais e camponeses, de Lisboa e de toda a sua zona envolvente.

As greves desencadeadas em Maio de 1944 são o curso lógico dessa contestação operária e camponesa, sendo a actuação de "Alex" fundamental naquela que ficaria conhecida como a "Greve do Pão". As greves de 8 e 9 de Maio mostram as capacidades organizativas de Alfredo Dinis. Responsável pelo Comité Regional, desdobra-se em dezenas de reuniões e encontros, palmilhando milhares de quilómetros na sua bicicleta.

Conhecido de todos os militantes e simpatizantes da zona de Lisboa, é por ele que passam muitos dos recrutamentos, contactos e aspectos financeiros, como confirmam vários relatórios da PIDE. "Alex" conhecia bem a zona e todos os problemas da complexa organização de Lisboa.

A penúria e a miséria provocadas pela guerra, originavam racionamentos e fome. Os baixos salários e o agravamento da violência fascista eram os condutores lógicos que levaram às novas greves e "Alex" estaria extremamente atento ao descontentamento dos trabalhadores, quer no campo, quer na cidade, como confirmam vários relatórios enviados ao Secretariado.

A sua acção responsável e organizada foi essencial para a eclosão das greves de 8 e 9 de Maio, em Lisboa e nas zonas envolventes. A "Greve do Pão" não teve a adesão esperada em Lisboa e na Margem Sul, mas foi nas terras industriais e agrícolas junto ao Tejo, entre Lisboa e Ribatejo, que mais foi sentida.

ALEX 12 A Fábrica de Loíça de Sacavém, a Covina e a Cimentos Tejo, nos concelhos de Loures e Vila Franca de Xira, seriam importantíssimas nesta luta pelo pão. Da Covina, em Santa Iria de Azóia, partiria uma marcha de operários que, juntamente com a população, seriam o incentivador da greve na região. Ao todo seriam cerca de cinco mil os operários, trabalhadores rurais e populares, que se manifestavam na rua, numa marcha que os levaria a Sacavém. No caminho viam-se panos negros nas janelas e operários, camponeses, homens, mulheres e crianças tinham um grito comum: "Temos fome!"

As mulheres teriam uma actuação exemplar, de valentia e força, que em muitos casos superava a dos homens. Seguiam à frente dos manifestantes, com bandeiras negras e palavras de ordem, como: "Temos fome, abaixo a miséria!" Todo o concelho de Loures se juntaria à greve, principalmente no dia 9 de Maio, com a marcha a dirigir-se à Fabrica da Abelheira, em São Julião do Tojal, com agricultores e operários a exigirem pão.

Pondo nos pratos de uma balança o que corra mal e o que corra bem, "Alex" não tinha dúvidas sobre as greves de 8 e 9 de Maio, fazendo um balanço muito positivo e considerando que a união entre operários e camponeses, ocorrida no Ribatejo e em Loures, tinha uma enorme importância política e que seriam fundamentais para as lutas operárias que se seguiriam.

OPERÁRIOS E CAMPONESES! Trabalhadores! Filhos e filhas do nosso Povo! GREVE DE DOIS DIAS pelo Pão e pelos Gêneros!

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

O governo fascista de Salazar não quer os nossos trabalhadores que reclamam o pão, o trabalho e a justiça. Vós, trabalhadores de todo o País, unidos e com a força da greve, defendei os vossos interesses e os interesses do povo.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

EM GRANDES MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO pelo Pão e pelos Gêneros

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Que nos dias 8 e 9 de maio
vamos ao trabalho nas fábricas e empresas
PARE O TRABALHO NOS CAMPOS

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AS JORNADAS DE 8 E 9 DE MAIO Dezenas de milhares de Operários e Camponeses LUTAM PELO PÃO

OS PRIMEIROS INDICÍOS de uma greve geral em Portugal começaram a ser sentidos nos dias 8 e 9 de maio, quando dezenas de milhares de operários e camponeses deixaram de trabalhar e de trabalhar nos campos. A greve foi iniciada em Lisboa, onde se alcançaram mais de 100.000 trabalhadores. A greve estendeu-se para o resto do país, com milhares de operários e camponeses a deixarem de trabalhar e de trabalhar nos campos. A greve foi iniciada em Lisboa, onde se alcançaram mais de 100.000 trabalhadores. A greve estendeu-se para o resto do país, com milhares de operários e camponeses a deixarem de trabalhar e de trabalhar nos campos.

As armas não devem ser utilizadas contra o Povo
A PERSPECTIVA de novas e grandes lutas das massas trabalhadoras e de milhares de patriotas portugueses contra o fascismo salazarista; ante as perspectivas, pelo seu melhor, do desenvolvimento da luta histórica e da sua reconquista em Portugal; dada a situação e a importância do movimento da "Linha do Norte", que se desenvolveu, por intervenção de um órgão de lutas em favor da greve e do desarmamento das forças salazaristas, o Partido Comunista português, através do seu órgão central, o "Avante!", publica o seguinte comunicado:

Soldados, sargentos e oficiais honrados e progressivos do exército da Armada, da G.N.R. e do P.S.P. A essas que mudas nas vossas ideias e nas vossas consciências, de modo a lutar contra o fascismo salazarista e a lutar pela liberdade e pela justiça social. A essas que mudas nas vossas ideias e nas vossas consciências, de modo a lutar contra o fascismo salazarista e a lutar pela liberdade e pela justiça social. A essas que mudas nas vossas ideias e nas vossas consciências, de modo a lutar contra o fascismo salazarista e a lutar pela liberdade e pela justiça social.

Comunicado aos trabalhadores - Greve de Maio de 1944

Avante! - 1.ª Quinzena de Maio de 1944

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AS LUTAS HERÓICAS DE 8 E 9 DE MAIO No Baixo-Ribatejo e na região saloia

OS OPERÁRIOS de Sacavém, Alhandra, Santa Iria e Póvoa, colocaram-se, nas jornadas de 8 e 9 de maio, na vanguarda da classe operária portuguesa. Seguindo o seu Partido de classe, ouviram o grito de greve e deixaram de trabalhar. A greve foi iniciada em Lisboa, onde se alcançaram mais de 100.000 trabalhadores. A greve estendeu-se para o resto do país, com milhares de operários e camponeses a deixarem de trabalhar e de trabalhar nos campos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

O "Avante!" vos saudou, heróicos operários e operárias da Fábrika de Louca, da Covina, da Cimenteira Tejo e de todas as fábricas onde pararam o trabalho. O "Avante!" vos saudou, heróicos filhos do povo que, nos mercados da fome, fíes-vos-ovir bem alto a voz dos explorados e oprimidos.

Avante! - 2.ª Quinzena de Maio de 1944

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A VITÓRIA DA LUTA DE 8 E 9 DE MAIO SALAZAR FORNECE MAIS PÃO O PATRONATO AUMENTA OS SALÁRIOS

AS JORNADAS DE 8 E 9 de maio provaram uma vez mais que o Partido Comunista português, através do seu órgão central, o "Avante!", publica o seguinte comunicado:

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Operários e operárias! Camponeses e camponesas! Trabalhadores de todo o País! Unidos e com a força da greve!
A voz do Partido Comunista de novo vos chama para a luta.
Pela defesa do pão e pelos gêneros.

Avante! - 1.ª Quinzena de Junho de 1944

FORÇAS REPRESSIVAS E RESISTÊNCIA

Na reunião do Comité Central, realizada a 30 de Maio de 1944, a intervenção de "Alex" mostrava que ele tinha absoluta consciência da importância do Partido junto dos trabalhadores da região: "Muitos trabalhadores entendiam que se devia ir para a greve nesse mesmo dia. Principalmente os da Sociedade Geral entendiam que era necessário responder imediatamente. Mas, apesar destas disposições, absolutamente sinceras, todos entendiam que era necessário aguardar a voz de comando do Partido Comunista. Creiam camaradas, que não exagero nada, quando digo que todos aguardavam a voz do Partido Comunista." ("As Greves de 8 e 9 de Maio de 1944", pág.75, Edições Avante!)

Mas a repressão foi maciça e generalizada, como acontecera nas greves de 1942 e 1943: prisões em massa, suspensões temporárias de grevistas e despedimentos seriam a forma como o salazarismo retaliaria. Os directores, encarregados e patrões que tivessem mostrado simpatia ou cedências aos grevistas, eram também alvos de prisões e fortes represálias, que incluíam o encerramento das respectivas fábricas.

As praças de touros de Vila Franca de Xira e do Campo Pequeno seriam palco da violência da GNR e da PVDE para com os operários e camponeses grevistas. Centenas de homens e mulheres foram mantidos naquelas praças, até que viessem soldados e agentes da polícia política identificá-los e levá-los para a sede da PVDE ou directamente para Caxias.

Para aqueles que fossem identificados como militantes, ou com ligações ao Partido, a violência era especialmente forte, com interrogatórios brutais e espancamentos sistemáticos.

A repressão persistiria por vários meses, provocando a passagem à clandestinidade de vários quadros do Partido. Desses quadros, que passaram à clandestinidade devido à "Greve do Pão", o mais destacado é Soeiro Pereira Gomes, que tivera um papel fundamental na condução da greve no Baixo Ribatejo, com especial enfoque em Alhandra, na Fábrica Cimentos Tejo.



Gravura de Rogério Ribeiro

Alfredo Dinis foi um dos exemplos da brutalidade e abuso da ditadura fascista em Portugal. Preso pela primeira vez em Agosto de 1938, terá perante os interrogatórios da PIDE uma conduta firme e recta. Ao todo cumprirá 18 meses de cadeia, parte deles na Fortaleza de Peniche.

Em liberdade volta a assumir funções de direcção na Célula da Parry&Son e no Comité Local de Almada. Em 1943 assume funções de direcção no Comité Regional de Lisboa, sendo um dos responsáveis pelas grandes greves. Nesse mesmo ano mergulha na clandestinidade, sendo eleito, pouco depois, para o Comité Central. A sua presença e direcção são fundamentais para o progresso das Organizações Regionais de Lisboa, margem sul do Tejo e Ribatejo.

No dia 3 de Julho de 1945 a PVDE tem conhecimento do encontro programado com "João" (Dias Lourenço), na estrada da Bemposta, em Bucelas, enviando uma brigada de agentes, para irem ao seu encontro. Na manhã do dia seguinte, 4 de Julho, é assassinado a tiro, na estrada da Bemposta, por agentes da PVDE que lhe montam uma cilada. Mais tarde, os mesmos agentes elaboram um relatório que pretende justificar o assassinato e a brutalidade usada, não sabendo que camponeses escondidos assistiram ao desenrolar dos acontecimentos.



18 Janeiro - Marinha Grande



Repressão - Greve na CUF - Anos 40



Manifestação reprimida

IMPRENSA

No dia 15 de Fevereiro de 1931 é publicado o primeiro número do jornal "Avante!". Como órgão central do Partido Comunista Português é um caso exemplar na imprensa operária clandestina de todo o mundo, nunca deixando o "Avante!" de ser composto e editado no país.

Só depois da reorganização do início dos anos 40 o "Avante!" passa a ser publicado regularmente, tornando-se uma arma importantíssima na vida e na luta do Partido.

Ao mesmo tempo que acompanha a expansão e influência do PCP, dá uma contribuição ideológica decisiva e é um meio de agitação e propaganda, de esclarecimento e difusão dos objectivos do Partido.

O "Avante!" foi criado para dar voz aos trabalhadores portugueses, num país onde a censura apertava o cerco a todas as vozes discordantes, e é um exemplo de luta, no direito à informação e à denúncia.

Escrito em papel finíssimo, com caracteres pequeníssimos, era a voz da esperança, lido por milhares de portugueses.

Mas também o "Militante" desempenhou um papel essencial na construção e no fortalecimento do Partido. Iniciado em 1933, teve algumas interrupções temporárias, mas com a reorganização do Partido, em 1940/41, passou a ser publicado regularmente.

A imprensa clandestina não se limitava ao "Avante!" e ao "Militante". Outros jornais desempenharam um importante papel de agitação, mobilização e esclarecimento.

"O camponês", "O Corticeiro", "O Têxtil", "O Marinheiro Vermelho", "A Voz do Soldado" e "A Terra" são exemplos de luta e informação que o Partido procurou levar a todos os portugueses.

Pelas tipografias do Partido passaram também textos clássicos do marxismo-leninismo, documentos do Comité Central, manifestos e targetas relacionadas com as lutas desenvolvidas pelas forças antifascistas.

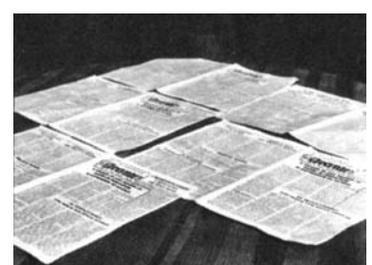
O "Manifesto do PCP apelando à greve de 8 e 9 de Maio de 1944" é o exemplo do documento mobilizador. Este panfleto teve cerca de 50 mil exemplares impressos e foi distribuído por camaradas e amigos que muito arriscaram nesta tarefa vital. Atirados ao vento, estrategicamente colocados à beira das estradas, no caminho das fábricas e debaixo das portas, pela calada da noite, ou mesmo passados de mão em mão, todos os sistemas eram válidos na mobilização e na denúncia.

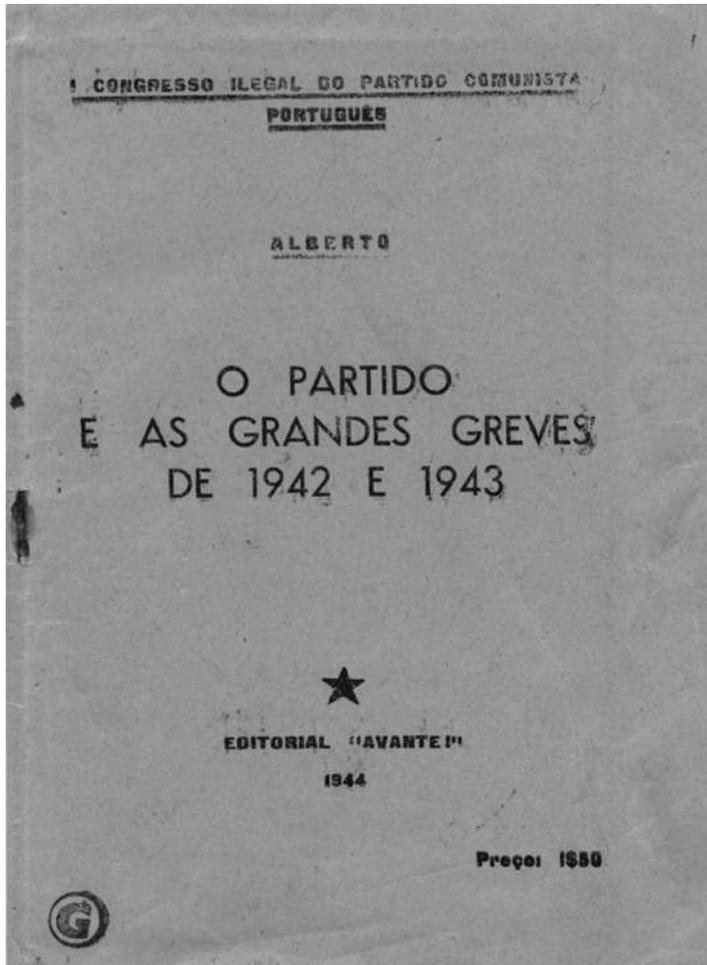
Para que a palavra do Partido pudesse chegar às massas, havia toda uma estrutura assente nas tipografias clandestinas. Nessas casas, aparentemente normais, os "tipógrafos" eram responsáveis por essa duríssima mas gratificante tarefa. Os textos recebidos tinham de ser impressos no mais curto espaço de tempo possível, para depois serem entregues ao aparelho de distribuição. Muitas vezes esses documentos eram reproduzidos milhares e milhares de vezes, num trabalho que poderia ser feito durante dias e noites consecutivos, por homens e mulheres que tinham como principal qualificação o seu empenhamento e a sua dedicação.

Por serem essenciais ao funcionamento do Partido, as tipografias clandestinas eram um dos alvos preferenciais da polícia fascista, mas todas as perseguições e vicissitudes sofridas não impediram o seu trabalho ininterrupto durante o fascismo.

Depois de impressos, jornais, folhas informativas ou comunicados tinham de ser distribuídos. Essa tarefa, essencial ao Partido, era assegurada por um aparelho clandestino que cobria todo o país, com a bicicleta a desempenhar um papel preponderante. Muitos foram os camaradas que percorreram milhares de quilómetros, todos os meses, para levar a voz do Partido aos que não tinham voz.

A distribuição do "Avante!" e de toda a imprensa do Partido, com todos os perigos que representava, foi indispensável à luta do partido e à luta antifascista.

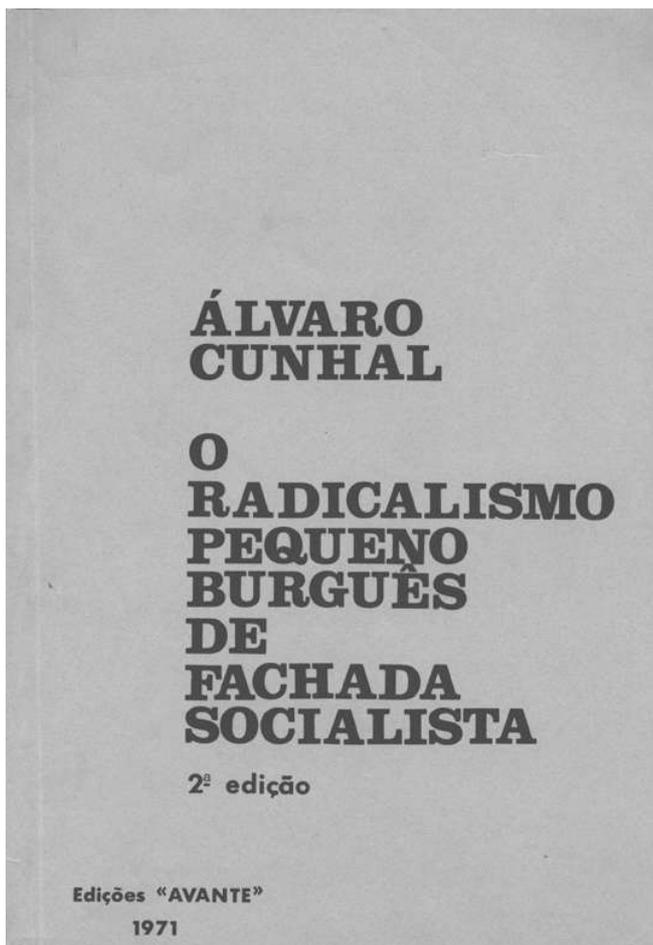




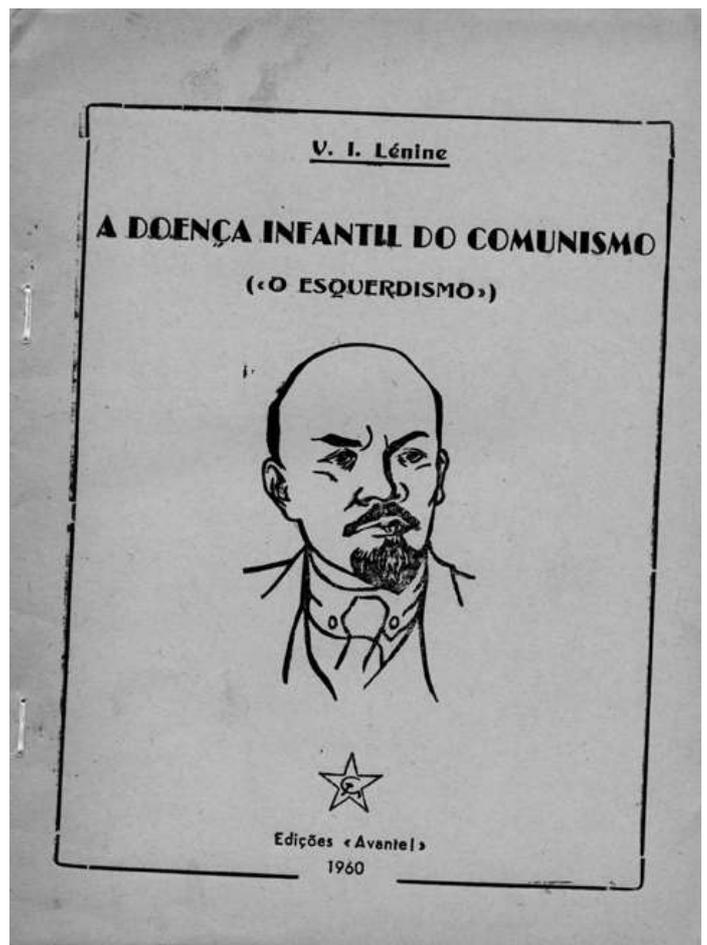
Edição Clandestina - O Partido e as Grandes Greves de 1942 e 1943



Edição Clandestina - Por uma Agricultura florescente!



Edição Clandestina - Álvaro Cunhal



Edição Clandestina - A Doença Infantil do Comunismo

PROPOSTA



Excelentíssimo Senhor

Pela decifração feita pelos serviços desta Polícia, de vários documentos em cifra, apreendidos ao arguido

JOAQUIM ANTONIO CAMPINO,

verifica-se que o mesmo tinha cifrado um encontro a realizar no proximo dia 4 do corrente, pelas 9 horas, na estrada que liga Loures a Sobral de Monte Agraço, entre dois elementos do Comité Central da organização clandestina do Partido Comunista Português, conhecidos pelos pseudónimos de "João" e "Alex".

Nesta conformidade, tenho a honra de propor a V.Exª se digno autorizar que se proceda á captura deste dois elementos, já há muito referenciados nesta Polícia, um graves responsabilidades na mesma organização clandestina.

Lisboa, 3 de Julho de 1945

O INSPECTOR,

43

INFORMAÇÃO



Excelentíssimo Senhor

Para os fins que V. EXA. entender por mais convenientes tenho a honra de informar que em cumprimento do despacho de V. Exa., seguiu hoje de manhã para a estrada de ligação de Loures a Sobral de Monte Agraço, uma Brigada de Agentes com a incumbência de proceder á captura dos 3 elementos do Comité Central de Organização clandestina do Partido Comunista, conhecidos pelos pseudónimos de "JOÃO" e "ALEX", cujo encontro marcado para este dia se devia realizar ás 9 horas em qualquer ponto daquela estrada, conforme foi decifrado nos documentos do arguido JUAQUIM ANTÓNIO CAMPINO.

Não foi possível capturar qualquer um desses elementos, por o citado "JOÃO" não ter comparecido, e por o citado "ALEX" quando descia em bicicleta a estrada de Sobral de Monte Agraço em direcção a Buce-las, ao ser surpreendido pelo pessoal da Brigada, não ter acatado a ordem de se entregar e, tendo feito frente aos Agentes com um revólver que empunhava, tentou disparar, o que foi evitado por 2 desses Agentes que se

SOBRE A TRASLADAÇÃO DOS OSSOS DO NOSSO QUERIDO CAMARADA ALFREDO DENIZ

Nas empresas das Construções Navais apareceu um aviso (que trancreves) a comunicar a data em que se realizava a trasladação :

"ALFREDO DENIZ (ALEX)"



Comunica-se a todos os camaradas que tem lugar no dia 14 (quinta-feira), pelas 9 horas da manhã, no cemitério de S. João, a trasladação dos ossos deste eminente democrata, operário das Construções Navais, que deu a vida pela causa dos trabalhadores portugueses.

Apela-se para o espírito compreensivo de todos os trabalhadores e espera-se a sua comparência com delegações. "

00000000000000000000

No dia 14/9/50, realizou-se, pelas 9 horas da manhã, no cemitério do Alto de Sç João, o levantamento da ossada dum grande amigo do povo português.

No local do levantamento da ossada, juntaram-se 3 delegações de operários das Construções Navais, a irmã de nosso querido camarada Alex e uma cunhada.

No final do levantamento, quando se verificava toda a ossada, verificou-se na cabeça um buraco que foi de um dos tiros. Neste momento a irmã de nosso grande amigo teve um ataque de nervos pegando num frasco de vidro, que continha álcool, batendo com toda a fúria em cima de uma mesa de pedra, gritando alto e chamando bandidos aos assassinos dos seus irmãos, dizendo que não podia era falar.

Conduzida para fora do local e acarinhada por todos, restabeleceu-se e normalizou-se tudo; seguiram depois para o local onde ficaram os restos mortais do nosso querido camarada até o local definitivo ficar construído. Não houve discursos.

Na secretaria trataram dos documentos que foram, de acordo com os presentes entregues à família. São eles : um da catacumba no valor de 500,00 ; outro do caixão ,80,00 e outro do levantamento, 20,00 - total : 600,00 .O número da catacumba é o

Tudo se passou sem vestígio ou presença da PIDE notada pelos presentes.

Setembro de 1950

Documento apreendido no arquivo de 10

Joaquim Suis José



pseudónimo 'Gomes'

em 26/7/1960 autoria desconhecida

PIDE - Mod. 1 - G. T.



Memorial ao Alex - Estrada da Bemposta

BANDEIRA COMUNISTA

Foi como se não bastasse
tudo quanto nos fizeram
como se não lhes chegasse
todo o sangue que beberam
como se o ódio fartasse
apenas os que sofreram
como se a luta de classe
não fosse dos que a moveram.

Foi como se as mãos partidas
ou as unhas arrancadas
fossem outras tantas vidas
outra vez incendiadas.

À voz de anticomunista
o patrão surgiu de novo
e com a miséria à vista
tentou dividir o povo.

E falou à multidão
tal como estava previsto
usando sem ter razão
a falsa ideia de Cristo.

Pois quando o povo é cristão
também luta a nosso lado
nós repartimos o pão
não temos o pão guardado.

Por isso quando os burgueses
nos quiserem destruir
encontram os portugueses
que souberam resistir.

E a cada novo assalto
cada escalada fascista
subirá sempre mais alto
a bandeira comunista.

José Carlos Ary dos Santos